

Atores da notícia: grupos de jovens na produção e recepção de conteúdos midiáticos¹

Janáina Cristina Marques CAPOBIANCO²
Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

Resumo

O jornalismo vive um momento de mudanças estruturais. Profundas transformações nas dinâmicas de produção, distribuição e recepção de conteúdos estão em curso, alterando processos e conceitos ora consolidados para o campo teórico e profissional do jornalismo. Esta pesquisa pretende olhar as novas dinâmicas de produção de conteúdo, que com as novas tecnologias está colocada de forma ostensiva e descentralizada, com a emergência de novos protagonistas e novas interferências no discurso midiático. Deste modo, a parte empírica da pesquisa pretende acompanhar grupos de jovens na cidade de São Paulo e suas dinâmicas como produtores e como receptores de conteúdos midiáticos, uma vez que os polos ora opostos do processo comunicativos estão cada vez mais difusos e imbricados.

Palavras-chave: Cultura; Conteúdos Digitais; Tecnologias; Multimídia; Convergência Tecnológica.

Transformações no jornalismo

Mudanças profundas afetam diferentes aspectos do jornalismo e acarretam transformações radicais na forma como ele é praticado hoje, e, sobretudo, no futuro. “O jornalismo passa por um conjunto de grandes transformações que incluem novas formas de produção da notícia, processos de convergência e a crise da empresa jornalística enquanto modelo de negócios” (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011).

Pressionado pelas novas tecnologias, pelo crescimento de setores de comunicação organizacional e de jornalismo de entretenimento, pela participação ativa do público e pela democratização das formas de acesso ao espaço público midiático, o jornalista profissional parece vivenciar um momento de indefinição (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011, p. 39).

Os autores situam o jornalismo como prática social, com a participação de diferentes atores sociais, que interagem de acordo com normas, acordos, institucionalizações e comportamentos legitimados. As práticas podem sofrer mudanças, que vão desde invenções pontuais a mudanças de grande porte (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011).

¹ Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, sob a orientação da Professora Doutora Marli dos Santos, e-mail: janacapobianco@gmail.com.

Para que uma mudança seja considerada estrutural, é preciso que ela seja suficientemente abrangente e profunda para alterar radicalmente o modo como determinada atividade é praticada e simbolicamente reconhecida/definida pelos atores. Ou seja, uma mudança estrutural se contrapõe a um grupo de mudanças conjunturais e também às microinvenções que normalmente afetam aspectos específicos de uma prática social (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011, p. 42).

Fazendo referência a Becker (1982) e Charron e Bonville (2004), Adghirni e Pereira afirmam que é preciso distinguir entre duas ordens de transformações que eventualmente incidem sobre uma mesma prática social: “[...] as alterações gradativas – e nem sempre perceptíveis – que afetam cotidianamente parte das atividades que integram uma prática social dos momentos em que os diferentes atores sociais vivenciam verdadeiras ‘revoluções paradigmáticas’” (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011, p. 42).

Essas revoluções, conforme sublinhado por Charron e Bonville, apud Adghirni e Pereira (2011, p. 43) são “[...] como momentos em que valores e práticas, tidos como essenciais ao exercício dessa atividade, passam por um momento de crise. Consta-se, nesse caso, um nível elevado de incongruência entre diferentes categorias de objetivos e de regras pertinentes a um modelo”.

Três eixos são apontados por Adghirni e Pereira (2011) como principais para a análise das mudanças estruturais no jornalismo: 1- mudanças estruturais na produção da notícia, 2 - mudanças estruturais no perfil do jornalista e 3 - as novas relações com os públicos.

Apesar da organização metodológica dos eixos de mudanças para a discussão e análise, as questões levantadas em cada um deles estão relacionadas: as mudanças no processo da produção da notícia, cada vez mais de forma difusa, descentralizada das redações tradicionais, com novos agentes, novas formas de participação, contribuem para uma ressignificação do papel do jornalista e sua identidade profissional, e estas mudanças revisam a relação do jornalismo com o público, que participa, produz a notícia. Ou seja, da produção à recepção, muitas transformações estão colocadas e nos desafiam.

Chaparro (2003) também afirma que o jornalismo vive um momento de profundas transformações. Para ele, a principal revolução ocorrida no jornalismo nos últimos vinte anos, foi o processo que ele denomina de profissionalização das fontes. Diz o autor:

As fontes deixaram de ser pessoas que detinham ou retinham informações. Passaram a ser instituições produtoras ostensivas dos conteúdos da atualidade – fatos, falas, saberes, produtos e serviços com atributos de notícia. Pensam, agem e dizem pelo o que noticiam, exercitando aptidões que lhes garante espaço próprio nos processos jornalísticos, nos quais

agem como agentes geradores de notícias, reportagens, entrevistas e até artigos (CHAPARRO, 2003, p. 49).

O autor estaria assim, analisando o contexto denominado por Adghirni e Pereira (2011) como primeiro eixo de transformações, que são as mudanças estruturais na produção da notícia. Chaparro (2003), por sua vez, acrescenta que vivemos em uma dinâmica de produção ostensiva e descentralizada de conteúdo. As mídias tradicionais, marcadas pela estrutura de monopólio no Brasil, deixam de ser as fundamentais produtoras de notícias e fontes de informação. Com a convergência das mídias e a emergência da *web*, setores marginais, pessoas e jovens, passam a ganhar formas de manifestação de seus fazeres e dizeres, ampliando e democratizando a produção e o consumo de informação.

Essa qualificação das fontes como geradora de conteúdos, diz Chaparro, faz parte desse mundo novo com experimentações vitoriosas de democracia, civismo, mercado e tecnologia, em misturas que dinamizaram uma lógica universal de competição sustentada em informação. “Nos rumos da democracia, o mundo mudou, institucionalizou-se, bem como os interesses, as ações, as próprias pessoas. Globalizaram-se os processos, as emoções e, sobretudo, os fluxos e circuitos da informação” (CHAPARRO, 2003, p. 33). Neste contexto, o autor afirma que noticiar tornou-se a forma mais eficaz de agir e interferir na realidade.

Em relação ao contexto atual da produção jornalística no Brasil, Sant’Anna (2009) coloca que estes novos produtores de conteúdo não se limitam a tentar intervir sobre o agendamento da imprensa tradicional e partem eles mesmos para difundir, diretamente a opinião pública, constituindo para isso, suas próprias mídias. Para o autor, no cenário da difusão de informação no Brasil, despontam novos atores que se diferenciam das tradicionais mídias. Novos veículos informativos são ofertados ao público por organizações profissionais, sociais, e, inclusive, por segmentos do Poder Público. São mídias mantidas e administradas por atores sociais que, até então, se limitavam a desempenhar o papel de fontes de informações (SANT’ANNA, 2005, p. 01).

O objetivo destas instituições, para o autor, é deter visibilidade pública, interferir no processo de construção da notícia (*newsmaking*) e na formatação do imaginário coletivo, e isto só é possível, se a organização estiver inserida no espaço midiático. O autor também denomina o fenômeno como Jornalismo das Fontes, atividade que se caracteriza pela coleta, seleção, tratamento, filtragem e difusão de informação por entidades, movimentos, grupos sociais e é resultado das transformações socioculturais brasileiras.

Presenciamos um momento de transformações, motivadas por aspectos políticos, econômicos, tecnológicos, culturais, que impactam na dinâmica de produção jornalística, assim como nas nossas formas de vida, interação e sociabilidade. Novas maneiras de produção de conteúdos e sentidos estão em curso. Mais do que um fenômeno técnico, o ciberespaço é um fenômeno social.

Novas tecnologias e ciberespaço

Os consideráveis e expressivos avanços tecnológicos e as novas tecnologias da comunicação, com novos e onipresentes dispositivos midiáticos emergidos nas últimas décadas, acarretaram transformações por toda a vida social contemporânea, desde os relacionamentos familiares, dinâmicas pessoais, até as variadas áreas do conhecimento, incluindo a forma com que os trabalhos são pensados e executados – das técnicas pontuais até às sofisticadas engrenagens macroestruturais. São novas maneiras de interação e conversação que reconfiguram as dinâmicas do viver. Isto já está colocado, de forma exaustiva e quase unânime.

Não é tarefa fácil compreender estes fenômenos. Tampouco circunscrevê-los e dimensioná-los, mesmo ao recortar um aspecto da realidade a ser observado. A respeito da imprecisão e dificuldade de lidar com as questões relacionadas às tecnologias, o pesquisador Jesús Martín-Barbero, em entrevista à Maria Immacolata Vassalo de Lopes (2009, p. 147), assinalou:

Hoje em dia aparecem duas palavras potentes: tecnologia e globalização. O que significa tecnologia? Milhares de coisas. Quando dizíamos “novas tecnologias”, estávamos falando de satélites, de parabólicas, do início da eletrônica, mas sabíamos do que estávamos falando. Hoje, dizer tecnologia é dizer demasiadas coisas, mas com uma concepção que continua sendo ainda mais radicalmente instrumental, pois que instrumento estratégico do mercado. Mas pode-se notar que as próprias palavras foram implodidas. Noto que se há uma palavra com um campo semântico muito impreciso, nebuloso, confuso, é tecnologia. Já não significa mencionar os meios que usamos, pois quando alguém dizia “meios” sabia o que estava nomeando. Hoje, quando dizemos tecnologia, não sabemos muito bem o que estamos nomeando (LOPES, 2009, p. 147).

Ele aponta a expansão do uso dos telefones celulares, (quase 75% da população da Colômbia, seu país de residência,) e diz que estamos falando daqueles que têm menos posses. O teórico menciona que, por vezes, pensamos que demorariam séculos para estarem conectados, e que já estão conectados, e com uma enorme criatividade, porque isso permite novas formas de comunicação familiar e cultural. Portanto, diz o autor:

Quando dizemos tecnologia, o que estamos nomeando não é somente uma coisa, mas um âmbito extremamente potente, tanto de linguagens como de ações, tanto de dinâmicas sociais, políticas e culturais, quanto de interrogações sobre o que significa o social hoje. Assim, quando passamos ao campo das interrogações, é que realmente explode a epistemologia, porque ainda há muita concepção instrumental – à direita e à esquerda – para falar das novas tecnologias (LOPES, 2009, p. 148).

Felinto (2006, p. 02) afirma que o termo cibercultura parece evocar muito mais uma névoa de ideias, uma intuição a respeito de um contexto cultural do que uma definição precisa. Autores como André Lemos costumam equipar a cibercultura com a cultura contemporânea. O autor chama a atenção, no entanto, para a necessidade de esboçar especificidades, e diz: “É fato que não há domínio da vida contemporânea que não esteja, de certo modo, embebecido na experiência tecnológica. [...] toda cultura é, desde sempre, uma tecnocultura” (ERICK DAVIS, 1998, apud FELINTO, 2006, p. 10). No entanto, afirma o autor:

A cibercultura parece ser aquela esfera da experiência contemporânea na qual o componente tecnológico passa a ser pensado, reflexivamente, como o fator central determinante das vivências sociais, das sensorialidades e das elaborações estéticas. Em outras palavras, mais que uma tecnocultura, a cibercultura representa um momento em que a tecnologia se coloca como questão essencial para toda a sociedade em todos os seus aspectos, dentro e fora da academia (FELINTO, 2006, p. 03).

Felinto (2006) evidencia que a experiência tecnológica tem sido um problema explícito para todas as sociedades ocidentais desde pelo menos a Revolução Industrial. Dessa forma, com ênfase à tecnologia comunicacional, o surgimento dos meios de massa coloca o tema da comunicação em questão central desde meados da década de 1940. “Pode-se pensar que os pensadores da cibercultura não fazem muito mais que reeditar as posições teóricas representadas por teóricos como Adorno e McLuhan” (FELINTO, 2006, p. 3).

Vivemos um momento de fascínio com os meios de comunicação. “A miniaturização das tecnologias de comunicação, bem como sua crescente mobilidade, presentes em aparatos como telefones celulares, *palmtops* e *notebooks* tornaram a comunicação mediada um fenômeno tão ubíquo que já não é mais possível escapar do mandado da comunicação” (FELINTO, 2006, p. 3).

A passagem do paradigma analógico para o digital marca de forma ontológica a cibercultura em relação aos períodos precedentes, em um processo de “informatização” do mundo – uma visão na qual toda a natureza, incluindo a subjetiva, pode ser compreendida como padrões informacionais passíveis de digitalização em sistemas computacionais. O

digitalismo, portanto, constitui o instrumento unificador da visão de mundo cibercultural (FELINTO, 2006, p. 04).

Diante do caráter difuso da cibercultura, Felinto (2006) “arrisca” (como ele mesmo diz) buscar o conceito de imaginário, argumentando que este pode contribuir para uma compreensão acerca das formas de sociabilidade, representações sociais e estéticas que o termo cibercultura produz.

Imaginário tecnológico é uma espécie de força social que projeta sobre a tecnologia determinadas imagens, expectativas e representações coletivas. A cibercultura poderia, assim, ser definida como um imaginário tecnológico fecundado a partir do paradigma (e visão de mundo) digital. [...] O imaginário tecnológico compreende, portanto, os processos por meio dos quais características, projetos e sonhos de determinadas época e sociedade se plasam em aparatos materiais, bem como o impacto que esses aparatos ensejam, uma vez convertidos em realidades do cotidiano, na imaginação coletiva da cultura no seio da qual foram concebidos (FELINTO, 2006, p. 06).

Para Felinto (2006, p. 08), a cibercultura é uma ficção social, para a qual colaboram até mesmo as teorias da cibercultura, ressaltando a importância das ficções para a vida social. Ele considera que há muito pouco de científico e tecnológico nos discursos da tecnocultura contemporânea. “Pelo contrário, em seu cerne encontra-se o que poderíamos definir como um impulso religioso ou metafísico”. O autor cita Francisco Ruder (2002, p. 10), quando este adverte: “O ocidente parece investir nos meios mundanos de sobrevivência um significado espiritual e uma direção transcendente, retomando em ampla escala um projeto que brotou das teodiceias medievais”.

Felinto (2006, p. 08) acrescenta que há nos discursos da cibercultura um desejo religioso de transcendência, a tecnologia se apresenta como uma espécie de magia, como propulsora de uma mítica comunicação total. “Não resta dúvida que a cibercultura se constitui em uma espécie de religião informática na qual os termos *communicare* e *religare* se encontram intimamente conectados”.

Com o objetivo de questionar os *slogans* generalistas que permeiam as discussões acerca das mídias digitais, levantando suas controvérsias, Primo (2013, p. 14) chama a atenção para os aspectos da cultura, como na reflexão de Jenkins em *Cultura da Convergência*, nos quais o que importa são os aspectos culturais que decorrem da aproximação entre audiências e as grandes instituições midiáticas e a circulação de tais produções entre diferentes meios de comunicação. Diz o autor:

Posições maniqueístas não são suficientes para a compreensão da estrutura midiática contemporânea e dos processos comunicacionais envolvidos. Ora, o atual cenário midiático já não permite análises fundamentadas em

polarizações como indústria versus audiência, celebridades *versus* fãs, produtos culturais massivos (maus) *versus* produção independente (boa e autêntica). Tais oposições escondem as inter-relações da estrutura midiática contemporânea no seio da cibercultura. O que demanda são investigações que possam reconhecer o todo complexo, que ultrapassem as fáceis e sedutoras posições essencialistas (PRIMO, 2013, p. 15).

O autor reconhece que a cibercultura transformou substancialmente a vida social e que já não é possível pensá-la sem as mediações digitais. Mesmo as perspectivas mais utópicas de transformação “geram movimento e dão sentido e inspiração a indivíduos e grupos. Mesmo que o alvo da destruição radical da comunicação de massa não tenha sido atingido – e nada indica que isso ocorrerá tão cedo – a estrutura midiática contemporânea revela avanços significativos” (PRIMO, 2013, p. 16).

O processo de democratização e ampliação do acesso às mídias digitais potencializou a participação do receptor, ampliou as possibilidades de expressão e participação na produção e distribuição de conteúdos. No entanto, conforme sublinha o autor:

Não apenas os movimentos sociais souberam utilizar as novas mídias para fins comunitários, comunicacionais e de resistência, como também o próprio mercado percebeu que poderia incorporar a colaboração online em suas estratégias informacionais, promocionais e de venda. As grandes empresas jornalísticas adotaram em seus periódicos online funções colaborativas aprendidas com os sites de jornalismo participativo (PRIMO, 2013, p. 17).

Ou seja, os processos colaborativos na *internet* servem a propósitos de ações políticas transformadoras, mas também a sedutoras campanhas de *marketing*. E a etiqueta *free* não significa que nenhum pagamento esteja sendo feito. Primo (2013, p. 18) explica que há diversas formas de lucratividade com serviços gratuitos na *web*:

Enquanto para alguns esses novos modelos de negócio exploram consumidores ludibriados e vendem a produção gratuita dos interagentes, para outros é essa justamente a forma justa de circulação de riquezas. [...] o conhecimento e a colaboração tomaram o palco central, antes ocupado pela fábrica (PRIMO, 2013, p. 18).

A emergência de novas falas, novos produtores, a ampliação da liberdade de expressão e democratização dos meios não implodiram o capitalismo, mas estão transformando-o com base em seu próprio interior. “Não se trata da derrocada da força popular, nem da vitória definitiva do capital multinacional. Ao que tudo indica, as fronteiras entre o que antes era visto como polos que se negavam vêm sendo de fato borradas” (PRIMO, 2013, p. 19).

O autor alerta, no contexto das novas tecnologias de comunicação e revisão de perspectivas e conceitos, para a importância de se olhar o que chama de condições de recepção, ‘condições de interação’. “É preciso investigar-se as interações, as associações, e não simplesmente os recursos das tecnologias” (PRIMO, 2013, p. 16). Para ele:

O contraste entre a comunicação massiva e outros níveis midiáticos só poderá ser plenamente compreendido se os movimentos interacionais forem estudados em todas as suas dimensões e, de preferência, enquanto eles ocorrem. Ou seja, é preciso observar-se como os interagentes envolvidos negociam suas posições de produção e recepção e como elas se alternam (as condições de interação) (PRIMO, 2013, p. 27).

Pensar as interações mediadas pelo computador (*smartphones, tablets*) colocando em polos opostos e que se negam a emissão e a recepção “prejudica a compreensão do processo midiático enquanto complexidade não redutível ou particionável” (PRIMO, 2013, p. 30).

De receptores a produtores de conteúdos

A sociedade é feita de trocas. As categorias que hoje deveriam ser retomadas para se pensar a comunicação são “troca” e “interação” Jesus Martín-Barbero em entrevista à Immacolata.

Os jovens vêm sendo focalizados por Institutos, organismos e governo. Segundo recentes estimativas (Datusus MS), no ano de 2012, o país contava com um contingente de 52,2 milhões de jovens na faixa dos 15 aos 29 anos de idade. O quantitativo representa 26,9% do total dos 194,0 milhões de habitantes projetados para o país pela mesma fonte. Essa participação juvenil já foi maior. Em 1980 eram 34,5 milhões, mas, no total dos 119,0 milhões de habitantes da época, eles representavam 29,0%. A Proposta de Emenda Constitucional 65, conhecida como PEC da Juventude, foi aprovada em julho de 2010, depois de uma longa tramitação. Essa PEC incorpora o termo "jovem" no capítulo dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal, dando existência corpórea a uma entidade praticamente inexistente nas políticas públicas. Em 2008 e 2011 foi realizada a Conferência Nacional de Juventude, e, em agosto de 2013 foi aprovada a Lei no 12.852, que institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens.

Observa-se na sociedade atual, marcada pelas interações mediadas pelos meios técnicos, uma presença cada vez mais efetiva e marcante das mídias *on-line* na vida dos jovens. De acordo com a última edição da TIC Domicílios (2013), em relação ao perfil dos usuários, os jovens continuam a ser os mais conectados: 75%, entre os brasileiros de 10 a 15 anos; 77%, entre os de 16 a 24; e 66%, entre os de 25 a 34 anos. Nas diferentes camadas

sociais, nos diferentes níveis de escolaridade e acesso aos bens simbólicos e culturais, observa-se que o fascínio da juventude pelas diversas opções que o ciberespaço oferece é crescente, cada vez mais expressivo e precoce. Os interesses, as formas de utilização, o modo como navegam, produzem conteúdos e os impactos e transformações na vida social de cada grupo, perfil de jovem, e até mesmo de cada jovem é bastante diverso e nos interessa cada vez mais.

A *Internet* ora é apontada como mundo de todas as oportunidades, com todo o conhecimento coletivo produzido a cada segundo a disposição da juventude, em uma espécie de culto tecnicista (WOLTON, 2011), ora é apontada como responsável por comportamentos considerados ruins, pela indução ao consumo de conteúdos impróprios. Se de um lado ela potencializa articulações juvenis, fluxo de informação que favorece uma comunicação transformadora, como nos casos dos movimentos sociais que sacudiram a ordem política no mundo árabe e desafiaram instituições políticas na Europa e Estados Unidos entre 2009 e 2011, (CASTELLS, 2013), de outro lado, são socialmente recorrentes abordagens jornalísticas em busca de especialistas que orientem os pais em como agir com seus filhos diante dos considerados perigos da rede, que muitas vezes atentam contra a própria vida³. Nas notícias de crimes e conflitos cotidianos têm sido uma constante a presença das novas tecnologias e programas de interação nos meandros das histórias.

Se por um lado o mundo novo permeado pelas novas mídias nos fascina, pela multiplicidade de interação e informação, por outro nos aterroriza e nos recoloca diante de questões anteriores e fundamentais como a convivência, a tolerância, o encontro, a compreensão, a comunicação. Que só faz sentido através da existência do outro (WOLTON, 2011).

Uma revisão integral de conceitos e processos vem sendo exigida a várias áreas do conhecimento, acentuadamente a comunicação social. Diante do cenário apresentado, de ostensiva e descentralizada produção e consumo de conteúdos midiáticos digitais, a pesquisa pretende trabalhar com dois grupos de jovens em coletivos produtores de conteúdo, observando suas dinâmicas de recepção, atribuição de sentidos aos conteúdos jornalísticos das mídias tradicionais e suas dinâmicas como produtores e distribuidores de novos conteúdos. Além disso, interessa-nos suas relações e interferências no jornalismo produzido e disponível no ciberespaço em mídias *on-line* tradicionais (sejam elas

³ Casos de jovens combinando, discutindo ou até mesmo transmitindo suicídio pela rede preocuparam o mundo, como foi o caso do jovem de 19 anos em Broward County, na Flórida, que cometeu suicídio em frente a uma *webcam* e deixou que a câmera transmitisse a mais de 1.500 pessoas a sua morte. O assunto causou grande repercussão na rede e no noticiário brasileiro. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI18575-15228,00.html>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

provenientes do jornal impresso, rádio, televisão, ou nascidas na própria *web*), e/ou mídias *on-line* alternativas (*blogs*, *hot sites*, iniciativas de movimentos ou grupos) e/ou mídias *on-line* das fontes (mídias com origem em assessorias de comunicação e imprensa).

A partir da temática exposta, levantam-se as seguintes indagações:

- Quais as leituras, sentidos atribuídos por estes jovens aos conteúdos que consomem no panorama noticioso brasileiro? Que mediações decorrem dessas leituras em um caminho de reinvenção desses conteúdos e produção de novos?

- Quais são e como se dão os fazeres destes jovens no universo da comunicação hipertextual? Que conteúdos produzem nas mídias *on-line* tradicionais, mídias *on-line* alternativas e nas mídias *on-line* das fontes? Qual é o envolvimento destes grupos marginais na pauta do jornalismo tradicional, sites de informação tradicionalmente colocados como jornalísticos?

- Que formas estes jovens estão encontrando para produção e divulgação de seus conteúdos a partir das múltiplas possibilidades oferecidas pela *web*? Como podemos compreender, categorizar os conteúdos, gêneros e práticas produzidas nestas mídias, por estas juventudes? Que releituras são possíveis e necessárias ao jornalismo, envolvendo o conceito de notícia, o processo de produção de conteúdo, o agendamento da notícia, a partir das novas dinâmicas de produção ostensiva de conteúdo na rede?

O estudo dos grupos de jovens circunscritos, geração familiarizada e muitas vezes nascida em uma imersão tecnológica atual e diferenciada, pode revelar tendências e evidenciar respostas a questões relevantes deste novo cenário de produção jornalística e cultural. Estamos diante de um contexto de efervescências de questões e de diversidades culturais, de múltiplas possibilidades de expressão e articulação individual e coletiva por meio das novas tecnologias de comunicação digital, que inauguram novos conteúdos (narrativas jornalísticas), novos processos de produção, distribuição e atribuição de sentidos a produtos coletivamente produzidos. Estas novas dinâmicas ampliam a estes grupos as possibilidades de serem ouvidos/compreendidos, ampliam a oferta de pontos de vista e fazem assim avançar e aprimorar o jornalismo e a sociedade.

Estudos de Recepção na análise da produção

Os estudos de recepção vivem uma reflexão e em alguma medida uma revisão de perspectivas, de nomenclaturas, tendo em vista o momento de transição do estatuto do receptor, que vem se tornando cada vez mais produtor, um receptor produtor de conteúdo. Críticas vêm sendo apresentadas com relação ao alcance dos estudos de recepção para

atender a complexidade dos processos comunicacionais contemporâneos, tendo em vista a “emergência de um novo ‘sujeito comunicante’ no contexto da convergência entre digitalização e mundialização” (PROULX, 2014, p. 85).

O autor indaga: “[...] o que estão se tornando os estudos de recepção em tempos de *web* social e em tempos de um crescimento da comunicação entre pares em detrimento da comunicação de massa?” (PROULX, 2014, p. 90). E descreve o contexto atual:

Um desmantelamento das fronteiras entre a vida privada e a vida pública. [...] nós nos vemos diante de uma multiplicidade de fontes de telas numa confusão de gêneros sobre o que é publicidade, o que é informação pública, o que é comunicação, numa convergência entre o conteúdo das antigas mídias e os novos dispositivos interativos digitais, que nos permitem remixar antigas mídias com elementos de criação inovadora (PROULX, 2014, p. 90).

Vivemos em meio a uma multiplicidade de telas, agora interativas, do celular ao computador. “Estamos diante de uma hibridação dos nossos modos de difusão, distribuição e de comunicação”. E, o teórico questiona:

Os estudos de recepção têm futuro? Estamos assistindo a uma espécie de esgotamento dos estudos de recepção em sua forma convencional, seja em reação aos trabalhos sobre a decodificação, seja sobre a etnografia. Há outro limite dos estudos de recepção clássicos que diz respeito ao fato de talvez serem muito dependentes de modelos teóricos da comunicação que foram canônicos, com emissor, mensagem e receptor. Por definição, se falamos em recepção, é porque postulamos estes polos. Talvez haja necessidade de superar epistemologicamente essa visão do modelo teórico da comunicação (PROULX, 2014, p. 90).

Para o autor, estamos em um cenário de fusão do polo da produção e o polo da recepção, onde há a figura do usuário produtor:

Estamos diante de ‘interatores’, não mais usuários passivos, e sim usuários que selecionam, orientam, recebem, interpretam, remixam, criam, transmitem mensagens. Estas tecnologias interativas definem a atividade de criação de conteúdos pelos usuários como elemento central de um novo ambiente informacional. [...] A *web* social situa as atividades de criação e interpretação no centro das práticas e dos usuários; mais do que nunca, os ‘interatores’ orientam e constroem sua própria cultura midiática (PROULX, 2014, p. 91).

Proulx (2014) faz alguns apontamentos para os estudos de recepção no mundo digital, a se destacar: as perspectivas que abordem o que os usuários fazem com os conteúdos na vida cotidiana e pública, indo além do interesse pelo modo como os indivíduos interagem com estes conteúdos; a observação do que chama de ‘dupla articulação’, a junção de modelos de análise da tradição dos estudos de uso com modelos de análise da tradição de estudos de recepção, articulando o aspecto material ao simbólico e as

perspectivas que desconstruam as categorias de público e também as de recepção, na busca de abordagens híbridas, com várias tradições de estudos, em especial os de política.

Jacks (2015, p. 240) chama a atenção para o conceito cunhado por Orozco, de *comunicantes* para expressar a interação do receptor com os meios em contextos de convergência. Diz o autor:

[...] há que se reconhecer que a tendência dos comunicantes contemporâneos é a de deixar de serem audiências definidas pelos modos de estar como receptores da comunicação, para serem em função dos modos de atuar como usuários e emissores na produção comunicativa, onde a criação e a interatividade predominam (OROZCO, 2011 apud JACKS, p. 241).

Ainda com base em Orozco, Jacks (2015) observa que a circulação do termo recepção se atualiza em expressões como: ‘recepção hiperativa’ e interativa, ou mutante, em referência aos modos contemporâneos de atuação junto à mídia. E afirma:

A situação hoje é mais pungente diante da convergência midiática, o que reforça a necessidade de cunhagem de novo(s) termo(s), mais adequado(s) e ao mesmo tempo com plasticidade capaz de vencer a força semântica do termo recepção, que diz tudo ou quase tudo sobre o que está sendo referido, sendo que agora há necessidade de incluir a participação do receptor no âmbito da produção (JACKS, 2015, p. 241).

O fenômeno leitor-autor, a participação cada vez mais efetiva dos antes públicos/audiências/massas/receptores/consumidores/sujeitos, como produtores de conteúdos de várias natureza (relatos pessoais em *blogs* e mídias sociais, participação no chamado jornalismo tradicional, conteúdos em mídias alternativas ou mídias das fontes) se não inaugurado, potencializado pelos avanços tecnológicos em especial a *internet*, ao mesmo tempo embaralha os processos e práticas que envolvem os âmbitos tradicionais da produção e da recepção, como também reafirma a importância dos estudos de recepção para os estudos da comunicação, mesmo que revendo perspectivas conceituais e metodológicas.

Jacks (2015, p. 244) afirma que estas transformações, “borram as fronteiras entre emissão e recepção, obrigando a teoria e a pesquisa a se reposicionarem para entender o que está ocorrendo com a interação e a aproximação destas duas instâncias nos processos e práticas de comunicação”. O fenômeno se torna ainda mais complexo se pensarmos que os conteúdos das novas e velhas mídias convivem, se tornam híbridos, “reconfigurando a relação entre as tecnologias, indústria, mercados, gêneros e público” e se pensarmos no aspecto cultural da convergência: “hoje a recepção não é um processo de mão única em se tratando do fluxo de participação e mesmo de produção de conteúdo, o que, aliás, em outros aspectos como a produção simbólica, nunca foi” (JACKS, 2015, p. 247).

Usando a metáfora ‘da agulha ao *chip*’, para descrever o desenvolvimento das teorias da comunicação, Jacks (2015) observa que elas:

[...] começam interessadas pelos efeitos dos meios massivos e hoje tematizam as profundas mudanças sociais e culturais, as quais devem ser centrais na busca da compreensão dos fenômenos comunicacionais e culturais pelas quais passam a humanidade, cada vez mais perpassados pela imbricação entre as esferas midiáticas (JACKS, 2015, p. 244).

Diante deste fenômeno complexo, multidimensional e interconectado, Jacks (2015) aponta como uma possibilidade concreta a lógica proposta por Jesús Martín-Barbero, e explica:

[...] entrar aos processos comunicacionais sem descurar dos aspectos estruturais e estruturantes dos meios, chegando a eles justamente pelo percurso dos vínculos estabelecidos pelos fluxos, usos e apropriações dos conteúdos elaborados pelos receptores, como uma estratégia efetiva para desentranhar os novos modos de relação entre os meios e audiências (JACKS, 2015, p. 249).

Ou seja, devemos analisar de modo articulado os movimentos dos meios e de seus públicos, pelas mediações que os vinculam, que são diferentes, mas exercem papel configurador, tendo em vista fatores contextuais e estruturais que os relacionam.

É preciso recuperar os caminhos da circulação de produtos e mensagens e seus fluxos, para posteriormente indagar sobre os que estas marcas têm a ver com os usos e apropriações dos receptores, que seguramente estão permeadas por práticas no mínimo híbridas, em termos de sua origem analógica e digital, sem contar com as práticas culturais mais tradicionais (JACKS, 2015, p. 250).

Mediante a constatação das mudanças estruturais sofridas pelo jornalismo contemporâneo, especialmente as transformações no processo da produção de conteúdo no ciberespaço com a emergência de novos falantes, novas narrativas e produtos midiáticos, esta pesquisa pretende olhar, a partir das mediações travadas por grupos de jovens com os conteúdos *on-line* de mídias tradicionais, sua participação na produção de novos conteúdos para a circulação no dinâmico cenário da notícia e dos conteúdos hipertextuais.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. e outros. **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- CAPOBIANCO, J. C. M. Educação e comunicação: o jovem no jornalismo impresso. In: MORGADO, M. A., MOTTA, M. F. V. (Org.) **Juventude de classe média e educação: cenário, cenas e sinais**. 1 ed. Brasília-DF: Líber Livro, 2006.

CASTELLS, M. **Redes de Indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CARRANO, P. C. Juventude as identidades são múltiplas. **Movimento: Revista da Faculdade de Educação da UFF**. Rio de Janeiro: n° 01, 2000, p. 88-105.

CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. Comitê gestor da Internet no Brasil. **Pesquisa TIC Domicílios 2013: Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil**. São Paulo: 2014.

CHAPARRO, M. C. Cem anos de assessoria de Imprensa. In: DUARTE, Jorge (Org.). **Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a mídia**. 2. ed. São Paulo-SP. Ed. Atlas S. A, 2003.

FELINTO, E. **Os computadores também sonham? Para uma teoria da cibercultura como imaginário**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 15, p. 1-15, julho/dezembro 2006.

GROPPO, L. A. **Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

IANNI, O. **O jovem radical. Sociologia da juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, v. 01.

JACKS, N. A. **Da agulha ao chip: brevíssima revisão dos estudos de recepção**. Intexto, n. 34, p. 236-254, set./dez. 2015.

LEMOS, A. **Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Porto Alegre, Sulina, 2004.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2007.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Uma aventura epistemológica. Entrevista com Jesús Martín-Barbero. **Matrizes**, v. 2, n. 2, p. 143-162, 2009.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 7. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

NOVAES, R.; VANNUCHI, P. **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

PEREIRA, F. H.; ADGHIRNI, Z. L. **O jornalismo em tempos de mudanças estruturais**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, janeiro/junho de 2011.

PRIMO, A. **Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática**. In: PRIMO, Alex. (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 13-32.

PROULX, S. Estudos de recepção em contexto de mutação da comunicação: rumo a uma quarta geração? **Questões Transversais-Revista de Epistemologias da Comunicação**, v. 1, n. 2, 2014.

SANT'ANNA, F. **Mídia das fontes: o difusor do jornalismo corporativo**. Casa das Musas, 2005.

_____. **Mídia das fontes: um novo ator no cenário jornalístico brasileiro: um olhar sobre a ação midiática do Senado Federal**. Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2009.

SINGER, P. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; 2005, p. 27-337.

WASELFISZ, J. (Org.). **Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil**. Versão Preliminar. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, 2014.

WOLTON, D. **Informar não é comunicar**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2011.